



COLÓQUIO

Letras

MANUEL ALEGRE



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 211 Setembro/Dezembro 2022

COLÓQUIO

Letras

COLÓQUIO

Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de uma obra de Manuela Pimentel & JAS)

IMPRESSÃO Greca

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

EDITORIAL

Há poetas que têm o seu lugar em simultâneo na Literatura e na História. Para dar alguns exemplos, desde o Romantismo — que consagrou essa presença pública do escritor —, basta citar Almeida Garrett, Alexandre Herculano e alguns da Geração de 70 como Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Por vezes, a fama do político ofusca a do escritor; e talvez seja esse o caso do poeta que agora celebramos. Desde o seu livro de estreia, *Praça da Canção*, publicado pela primeira vez em 1965, a poesia de Manuel Alegre representou o desejo de revolta e de liberdade de várias gerações, o qual só se concretizaria em 25 de abril de 1974. A música e a voz de cantores, de que destaque Adriano Correia de Oliveira e Amália Rodrigues, poriam os seus versos ao alcance de todos os portugueses, independentemente das suas convicções ideológicas e políticas.

Esta homenagem que a revista presta a Manuel Alegre, na sequência de outros números dedicados a escritores vivos, procura estudar os múltiplos aspetos de uma obra que, apesar da importância desse lado militante, não deve esconder a complexidade da sua linguagem poética ou a sua atividade como prosador, que também mereceria um amplo estudo, embora nos artigos aqui publicados se trate sobretudo do poeta.

E se uma linhagem se pode encontrar, também pelo tema e pela experiência do exílio, ela remonta a Luís de Camões, a quem Rita Marnoto dedica um trabalho que procura resolver o enigma da primeira edição de *Os Lusíadas*, e dos exemplares legítimos ou contrafactuais, através de uma análise comparativa dos que chegaram até nós.

Destacamos ainda os «encontros entre Rui Cacho e Ruy Belo», a homenagem de Guilherme d'Oliveira Martins a António Osório, recentemente desaparecido, e lamentamos a perda de João Rui de Sousa, a cuja obra regressaremos num próximo número.

No princípio do mês de agosto foi Ana Luísa Amaral que partiu. Far-nos-á falta a sua presença feita de inquietação e de paixão, a voz que dizia na perfeição cada verso e cada palavra, com a música plena que nunca fazia esquecer um sentido que juntava imagens e pensamento, e sobretudo a pessoa que vivia plenamente a poesia, para lá das suas circunstâncias. Do seu último livro, *Mundo*, nos fala aqui Rosa Maria Martelo. Também a Ana Luísa regressaremos com a homenagem que lhe é devida, pondo o acento sobre a vida que ela tanto amava e soube imprimir em cada um dos seus poemas.

Nuno Júdice

SUMÁRIO

MANUEL ALEGRE

- 19 Manuel Alegre: o ofício do poeta
Paula Morão
- 28 Da Flor de la Mar à «rosa de sangue»
Teresa Carvalho
- 34 Repercussão, o último círculo
Rita Taborda Duarte
- 44 Poesia, utopia: a poética do tempo em Manuel Alegre
Mário César Lugarinho
- 57 Marés do tempo: o exílio na poesia de Manuel Alegre
Elsa Rita dos Santos
- 67 Catorze versos são uma prisão?
Barbara Gori

ARTIGOS

- 79 As duas edições de 'Os Lusíadas': 'fact check'
Rita Marnoto
- 91 'O Primo Basílio' e a censura
Sonia Netto Salomão
- 102 «A gente não se ouve, a gente fala»: a poesia
de Boaventura de Sousa Santos
Graça Capinha

POESIA

- 11 *Manuel Alegre*
- 115 *Marcos Foz*

DOCUMENTOS

- 123 Do comboio às sardinhas: encontros entre Rui Cacho e Ruy Belo
Manaira Aires Athayde

IN MEMORIAM

- 141 António Osório ou lágrimas por Heitor
Guilherme d'Oliveira Martins

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 149 No mundo de Ana Luísa Amaral
Rosa Maria Martelo
- 155 Da descrença criadora
João Barrento
- 161 Mão-cheia de silêncio
Tomás Maia

- 167 Relendo Almeida Faria
Maria João Reynaud

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO

- 177 *Redondilhas de Camões*, ed. Barbara Spaggiari
ÂNGELA CORREIA
- 179 *Os Lusíadas*, ed. Rita Marnoto, dir. artística de Tiago Manuel
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

POESIA

- 182 *Ilíada*, Alberto Pimenta
RITA TABORDA DUARTE
- 184 *Caderneta de Lembranças*, A. M. Pires Cabral
JOSÉ RICARDO NUNES
- 187 *Ossos de Sépia*, Rui Diniz
GRAÇA VIDEIRA LOPES
- 189 *Caos e Catástrofe*, Luís de Miranda Rocha
ANTÓNIO JACINTO PASCOAL
- 191 *Sem Rasto*, Fátima Maldonado
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 193 *Os Grandes Lagos da Noite*, José Manuel de Vasconcelos
ELISABETE MARQUES
- 196 *Amor Cão e Outras Palavras Que não Adestram*, Rosa Alice Branco
PAOLA POMA
- 198 *De Coração Aberto*, Fernando de Castro Branco
FERNANDO J. B. MARTINHO
- 200 *Desvio-Me da Bala Que Chega Todos os Dias*, Rosa Oliveira
LEONARDO GANDOLFI
- 203 *Atirar para o Torto*, Margarida Vale de Gato
JOSÉ RICARDO NUNES
- 205 *Firmamento*, Rui Lage
GOLGONA ANGHEL
- 208 *Avalanche*, Marta Chaves
MIGUEL MARTINS
- 210 *Que Túmulo em Que Talhão*, João Moita
MIGUEL MARTINS

FICÇÃO

- 212 *Alcateia*, Carlos de Oliveira
JOSÉ EDUARDO REIS
- 215 *Festa Pública, Orlando em Tríptico e Aventuras...*, Virgílio Martinho
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 217 *Irradiante, o Negro*, Rui Nunes
HUGO PINTO SANTOS
- 221 *Eu e Tu*, Jorge Roque
MARIA DA CONCEIÇÃO CALEIRO
- 223 *As Doenças do Brasil*, Valter Hugo Mãe
CARLOS NOGUEIRA

- 225 *A Última Curva do Caminho*, Manuel Jorge Marmelo
PAULO NÓBREGA SERRA

VÁRIA

- 227 *O Nome do Mundo*, José Amaro Dionísio
FERNANDO CABRAL MARTINS

- 229 *Os Gestos*, Djaimilia Pereira de Almeida
ÁLVARO MANUEL MACHADO

TEATRO

- 231 *Antero Q.*, Ana Rocha
ROSA MARIA SEQUEIRA

EPISTOLOGRAFIA

- 233 *Correspondência Agustina Bessa-Luís / Juan Rodolfo Wilcock*
ÁLVARO MANUEL MACHADO

ENSAIO

- 235 *José Saramago: Nascido para Isto*, org. Carlos Reis
CARLOS NOGUEIRA

- 238 *Ver É Ser Visto*, Eduardo Lourenço
ÁLVARO MANUEL MACHADO

LITERATURA MOÇAMBICANA

FICÇÃO

- 240 *O Caçador de Elefantes Invisíveis*, Mia Couto
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

- 243 *Margens e Travessias*, Boaventura Cardoso
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

LITERATURA BRASILEIRA

ENSAIO

- 245 *No Ardor dos Livros. Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra*
ANABELA GALHARDO COUTO

AGRADECIMENTOS: A Manuela Pimentel e a JAS pela autorização gentilmente concedida de reprodução das suas obras. A Catarina Belo, Diogo Belo, Duarte Belo, Rui Manuel Cacho, Gabriela Osório de Castro, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.

As duas edições de ‘Os Lusíadas’

‘FACT CHECK’

RITA MARNOTO

Aviendo, pues, llegado el P. a Lisboa el año 1569. el de 1572. publico por medio de la Estampa su Lusíada, aviendo se le concedido Privilegio Real en 4. de Setiembre de 1571. Dió con el un gran estallido em todos los oidos, y un resplandor grande a todos los ojos màs capazes de Europa. El gasto desta impression fue de manera, que el mismo año se hizo otra. Cosa que aconteció rara vez en el Mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dós ediciones que yo tengo; por diferencias de caracteres; de ortografía; de erratas que ay en la primera, y se ven emédadas en la segunda; y de algunas palabras que mejorò lo dicho.

(SOUSA, 1685: VOL. 1, T. 1, §27)

Este passo da «Vida del poeta», que faz parte do comentário que Manuel de Faria e Sousa dedicou às *Rimas varias*, de Luís de Camões, configura o primeiro memorando, explicitamente enunciado, para um problema que aguarda, ainda hoje, uma explicação cabal: a diversidade dos exemplares de *Os Lusíadas* com o mesmo registo de Lisboa, António Gonçalves, 1572¹.

A questão continua a manter toda a sua actualidade. A ecdótica estabelece que as primeiras fases do trabalho de edição consistem na *recensio*, a recolha de testemunhos do texto a editar; na *examinatio*, a análise e avaliação da sua autenticidade; na *collatio*, o seu exame comparativo; e no *stemma codicum*, que os hierarquiza (Spaggiari e Perugi, 2004: 32-120). Salvaguardado o lugar ocupado pela tradição manuscrita de *Os Lusíadas*, que é subalterno, o editor deparara-se com uma fieira de exemplares datados de 1572 que apresentam muitas dissemelhanças entre si.

Lançado o alerta de Faria e Sousa, foi necessário aguardar pela edição do Morgado de Mateus, em 1817, para que a questão voltasse a ser colocada. O século XIX debateu-a acesamente. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1880-1881), que foi director da Biblioteca Nacional, depois de

observar um considerável número de exemplares, concluiu que as edições teriam sido quatro, no mínimo três. Outra foi a opinião de António da Silva Túlío (1861), que susteve a existência de uma única edição, com introdução de sucessivas emendas.

Só no século xx o texto de *Os Lusíadas* começou a ser abordado à luz das renovadas metodologias da ecdótica. Depois dos primeiros passos empreendidos por José Maria Rodrigues, Augusto Epifânio da Silva Dias ou Hernâni Cidade, estudiosos com outros horizontes, como Evanildo Bechara, Celso Cunha, Leodegário de Azevedo Filho, Roger Bismut, Barbara Spaggiari, Justino Mendes de Almeida, Artur Anselmo, João Luís Lisboa e outros, reconheceram a existência de duas edições, conferindo precedência a Ee/S (1.1.7 *E entre gente remota edificarão*/Pelicano para a esquerda-*Sinistra*), relativamente a E/D (1.1.7 *Entre gente remota edificáram*/Pelicano para a direita-*Destra*). A sua posição é escorada pelo princípio ecdótico neolachmaniano de *lectio difficilior potior*, de acordo com o qual uma variante mais difícil tem maiores probabilidades de se encontrar mais próxima do original (Spaggiari e Perugi, 2004: 32-52).

De qualquer modo, ficou por explicar o carácter compósito de exemplares onde *lectiones difficiliores* e *lectiones faciliores* correm lado a lado.

Mais recentemente, a ideia de uma edição única foi retomada por David Jackson no estudo introdutório à reprodução, por imagem, de 29 exemplares de 1572, num CD de extraordinária utilidade para a investigação (Jackson, 2003).

O fundamento do ponto de vista sustido pelo eminente lusitanista da Universidade de Yale é a existência de quatro erros que surgem em todos os exemplares:

f. 97r	CANTO QVINTO	vs.	CANTO SEXTO\$
f. 103r	CANTO QVINTO	vs.	CANTO SEXTO\$
f. 110r	106	vs.	110\$
f. 120r	102	vs.	120\$

Jackson designa-os como «os quatro erros universais», considerando que são comuns não só a todos os espécimenes conhecidos, como também a outros que venham a ser descobertos. Em seu entender, se os erros são comuns a todos eles, é porque as fôrmas tipográficas foram as mesmas.

A argumentação de Jackson radica no processo de produção, tal como se desenrolava na época da imprensa manual: uma mesma edição sai de um mesmo conjunto de fôrmas. Para cada grupo de folhas (no caso de *Os Lusíadas*, quatro), era montado um par de fôrmas com um certo tamanho e com uma estrutura interna própria, ou seja, o esqueleto, o que determinava o desenho de

página, a disposição da mancha tipográfica e os espaços em branco. O texto era composto através da inserção de tipos móveis, um a um, com eventuais elementos iconográficos. Para introduzir emendas substituíam-se os tipos errados, mal metidos ou em falta, sem que de modo algum fosse possível alterar a fôrma e o seu esqueleto, que constituíam uma estrutura material fixa pré-determinada.

No âmbito deste processo de produção, a distinção das duas espécies de variantes que se podem verificar entre exemplares de uma mesma obra é capital para dilucidar a sua produção: 1) as variantes de estado tipográfico são introduzidas numa mesma fôrma, inserindo ou substituindo tipos móveis; portanto dizem respeito a uma mesma edição; 2) diferentemente, as variantes editoriais ocorrem entre fôrmas distintas, cada uma delas com o seu esqueleto interno próprio; se as fôrmas são diferentes, trata-se logicamente de edições independentes.

Para Jackson, as variantes existentes entre os vários exemplares de *Os Lusíadas* de 1572 enquadram-se na primeira categoria: variantes de estado tipográfico, o que pressupõe que as fôrmas teriam sido as mesmas, assim se justificando a ideia da edição única com introdução de emendas em continuidade. Contudo, radicando esta questão no plano da produção, há que verificar previamente se as fôrmas foram as mesmas. Se foram as mesmas, quer o desenho de página quer a configuração material do texto e a sua veste ecdótica deveriam ser também os mesmos, em nome de uma lógica inabalável.

Procedi à sobreposição das quatro ff. com um erro comum (97r, 103r, 110r, 120r) pertencentes a vários exemplares de *Os Lusíadas* de 1572 (ver figs. 1, 2, 3, 4²). As conclusões são objectivas: 1) as ff. foram impressas a partir de fôrmas diferentes, com esqueleto diferente; 2) essas fôrmas foram duas e apenas duas. Daí resulta inequivocamente que, *se houve duas fôrmas, foram produzidas duas edições independentes*.

A observação e o cotejo que efectuei, *de visu*, de um número consistente de exemplares permitiu-me confirmar a distinção entre variantes editoriais e variantes de estado tipográfico. As variantes editoriais são incontáveis, desde logo em virtude da diversidade do desenho de página. Só para a f. 1r uma contagem básica pôde detectar cerca de seis dezenas de caracteres diferentes, o que, por si só, é incompatível com o modo como funcionava uma oficina tipográfica. Por sua vez, na esfera de cada uma das edições encontram-se documentadas variantes de estado tipográfico específicas. No caso de Ee/S, ao longo de todo o texto teriam sido inseridas nas fôrmas cerca de quatro dezenas de emendas.

Além disso, existem três ligaduras exclusivas de E/D: *as*, *is*, *sp*. As ligaduras agilizavam a tarefa do compositor, que em vez de tirar da caixa dois tipos tirava apenas uma peça, com um só gesto, economizando trabalho e tempo.

CANTO QUINTO: 57

Mas vendo o Capitão que se se tinha ha
Llamais do que deava, e o fisco do vento
O comida que parta e tome a sibilha,
O Piloto da terra e o mantimento,
Não se quer mais deter, que aind' t'inha
Muito pera sortar do sallo argento,
La do Paiz benigno se despede
Que a todos amizade longa pede.

Podelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhun outro bem mayor deseja
Que dar a tais barões seu remo e estado:
E que em quanto seu corpo o sprito reja
Estara de continuo aparelhado,
A pôr a vida e o remo totalmente
Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo as velhas dando,
Pera as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
No Piloto que leua não aia
Falsidade, mas antes vay mostrando
A navegação certa, e assi caminha
La mais seguro do que antes vinha.

Vencidos vem do sono, & mal desbertados
 Bocijando a mundo se encastuão,
 Pelhas antenas, todos mal cubertos,
 Contra os azudos ares que asopravaõ:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mas entregando os membros estiraõ,
 Remedios contra o sono buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.

Com que milhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pesado,
 Se não com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o sono carregado?
 Responde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme e amorado,
 Que contos poderemos ter milhores?
 Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza,
 Que o trabalho do vir, que tanto custa,
 Não soffra a doer, nem delicadeza,
 Antes de guerra ferida e robusta
 A nossa historia seja pois dureza,
 Nossa vida ha de ser, seguido entendido
 Que o trabalho por vir mo esta dizendo.
 Que o trabalho por vir mo esta. *Consente.*

Fig. 2 - Sobreposição da f. 103r, BNP-Cam3P (preto), BDMII (azul)

Diuina guarda, argelida, celeste,
 Que os ceoos, o mar e terra temboedeas,
 Tu que a todo Israel refugio deste
 Por metade das agoas Eritreas:
 Tu que liuraste Paulo e defendeste
 Das Syrtis arenosas e ondas feas,
 E guardaste cos filhos o segundo
 Proador do alagado e vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos
 Doutra Scylla e Caribdis ja passados,
 Outras Syrtis, e baxos arenosos,
 Outros Acroceráunios infamados,
 No fim de tantos casos trabalhosos,
 Por que somos de ti desmparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão
 Entre as agudas lanças Affricanas
 Morrer, em quanto fortes sostenerão
 A maneta Fe, nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illustres se saberão,
 De quem fiação memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdella,
 De quem fazendo a morte as honras stella,
 Doce fazendo a morte as honras stella.

Gerais sam as molheres: mas s'fontae
 Pera os da geração de seus maridos:
 Dito sa condicam, ditosa gente,
 Que nam sam de ciuimes offeulidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquilo
 Que as onças podem dar da China ao Nilo:

Assim contava o Mouros: mas pagando
 Andava a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente e' tranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade,
 Ia vinham pelas ruas caminhando,
 Boileados de todo sexo, e' idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandara,
 O Capitão da armada que chegara.

Mas ella que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adorna-lo:
 Das cores a sermoja differença
 A vista alegre ao pouso alhorcado,
 O rema compassado fere rio
 Agora o mar, depois o fresco rio. Na

Daí resulta que o compositor de Ee/S não tinha essas três ligaduras na caixa de tipo com que trabalhava, à diferença do compositor de E/D. Trata-se de outra prova irredutível de que o processo de produção foi autónomo.

Aliás, a observação da tipografia de um livro oferece informação muito rica e *Os Lusíadas* não são excepção. As fontes usadas em ambas as edições provêm de punções de François Guyot, um francês que migrou para Antuérpia em 1539, cidade onde veio a trabalhar para Christophe Plantin e onde faleceu em 1570. O seu itálico, que aliava grande robustez a uma boa legibilidade, foi usado não só por Plantin, como também por muitas tipografias do Norte da Europa. Fora desse raio, teve uma difusão mais circunscrita. Considerando a proximidade da imprensa portuguesa, desde os seus primórdios, com o espaço alemão (Anselmo, 1981), e sendo Antuérpia, Sevilha e Lisboa três dos mais activos portos da Europa, ligados por uma rede de trocas que integrava o comércio peninsular, o quadro ganha consistência histórica. O itálico de Guyot foi introduzido em Portugal em data prístina, 1556, por João Blávio, vindo de Colónia, e o seu redondo bateu um dos primeiros livros, se não o primeiro, produzido na Ásia, o *Compendio spiritual da vida christãa*, que saiu em 1561 em Goa, da oficina do Colégio de São Paulo, impresso pelo alemão João de Endem e por João Quinquêncio, em parceria com Blávio.

Retomando a questão das duas edições, escusado será dizer que as características materiais de cada uma delas, e inerentemente o seu texto, formam dois sistemas absolutamente coerentes, que mantêm entre si relações de exclusão disjuntiva. Não há fases de transição que possam documentar uma edição *in progress*. Confirma-se a associação entre a iconografia com o pelicano voltado para a esquerda e a configuração do verso 1.1.7 *E entre gente remota edificarão* (Ee/S); e do pelicano voltado para a direita e o texto do verso 1.1.7 *Entre gente remota edificáram* (E/D).

Quanto à precedência editorial, ela cabe a Ee/S, como as capitulares o comprovam. As capitulares gravadas a partir de matrizes de madeira têm um alto valor identitário, pois cada uma delas é um *unicum*. Em *Os Lusíadas* são usadas onze capitulares, uma no início do alvará e dez em início de canto. Estas dez foram batidas com as mesmas xilografuras, que eram peças abertas a canivete na própria oficina tipográfica e muito sensíveis ao desgaste, pois a madeira é um material frágil, e por isso extremamente vulnerável à força da prensa. Na edição E/D o seu grau de deterioração é superior. Portanto foi esta a segunda edição.

As siglas têm o seu valor referencial, mas a partir de agora Ee/S reverte em *editio princeps* e E/D em segunda edição contrafeita.

Uma edição mimética, que imita uma anterior, é uma contrafacção. Compreende-se que o facto de o poema que simboliza a condição portuguesa, escrito na língua das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, ter

tido uma edição contrafeita da *princeps*, que ademais foi considerada autêntica por tantos críticos, gere resistências de ordem antropológica. Sublinhe-se, contudo, que nem há como o negar, nem o facto de modo algum macula o poema e o seu autor. Camões obteve um privilégio de impressão por 10 anos, pelo que ele próprio (entretanto falecido em 1579 ou 1580) ou, eventualmente, a entidade a quem o tivesse vendido, poderiam ter efectuado uma reedição de *Os Lusíadas*, mesmo com o acrescento de outros cantos, até 1582, sem solicitar novas licenças. Por conseguinte, tudo indica que a contrafacção teria sido feita depois dessa data, talvez no intuito de dar a ler um texto isento de cortes da censura, de obter lucros ou, pura e simplesmente, de disponibilizar o texto do primeiro grande poema épico de tema oceânico. Os exemplares de E/D que sobreviveram ao tempo correspondem a cerca de 1/3 do total.

A prática de contrafacção não era *avis rara*. Por exemplo, a identificação da preciosa edição de *Le cose vulgari di Messer Francesco Petrarca*, originalmente saída dos prelos de Aldo Manuzio em 1501, na sua colecção de *classici moderni*, requer especiais cuidados, pois a contrafacção que dela foi editada em Lyon, no ano seguinte, é extremamente apurada. Tal não teria acontecido, se os falsários não tivessem reconhecido o arrojo de Aldo, quando começou a publicar clássicos latinos e italianos em formato *tascabile*, num estilo dotado de surpreendente legibilidade, o itálico. A partir de 1502, a imitação dos livros de Aldo e de outros tipógrafos instalados em Veneza alimentou o programa dos editores de Lyon. Por sua vez, a *Arcadia*, de tão inovadora que foi a ideia da novela pastoril, teve entre 1502 e 1503 cinco edições feitas à revelia do seu autor, o que pressionou Sannazaro a publicar o seu texto em 1504, apesar de inacabado. Confiou-o ao editor napolitano Sigismondo Mayr, o que foi um acto de reconhecimento, apesar de Mayr ser o autor de uma contrafacção que saía no ano anterior.

A estes exemplos da contrafacção de livros que marcaram o curso da história, há agora a acrescentar *Os Lusíadas*.

Resta pois esclarecer a configuração dos exemplares que não correspondem, na sua totalidade, nem à *editio princeps* nem à contrafacção. São compostos por interpolação de inteiros cadernos, folhas conjuntas ou folhas disjuntas pertencentes às duas edições. Não podiam ter sido produzidos com essa fisionomia, pois os elementos bibliográficos que integram provêm de edições diferentes, batidas por fôrmas diferentes, e portanto os blocos gráficos dessas páginas têm uma disposição dissemelhante e o seu texto diverge. Foram interpolados para preencherem segmentos em falta. Raramente se verifica a inclusão de materiais que não pertencem a uma ou outra das duas edições: BDMII-377.C (Q1); BNP-Cam1P (π 1, frontispício); BNP-Cam11P (π^2 Z¹⁰); CJCanto (π^2 I1); IHGB (vv. ff. mss.); Universidade do Texas (F1.8 F2.7); Wadham College (π^2 , reprodução fotográfica). Os restantes exemplares

analisados são inteiramente constituídos por materiais de Ee/S e de E/D. É esse o caso de espécimes muito especiais, que têm vindo a fascinar os estudiosos pelo seu halo de mistério, como R.14208 da Biblioteca Nacional de Espanha ou G.11286 da British Library, em cujas páginas *lectiones difficiliores* e *lectiones faciliores* coexistem.

À parte o culto do *fake* que marca a actualidade e o mercado de valores que lhe anda associado, contrafacção e interpolação são sinais preciosos da história de cada espécimen, dos caminhos que percorreu ao longo do tempo e do uso que dele foi feito. Não detectei dois processos de interpolação semelhantes.

O *fake* também tem um extraordinário interesse para a ecdótica, mas neste caso de outro sinal. O *fact check* da *recensio*, da *examinatio* e da *collatio* constitui um teste de autenticidade que só a bibliografia descritiva e analítica tem condições para aferir, numa relação de simbiose com a ecdótica.

A tabela que abaixo apresento resulta de um *fact check* que sistematiza a constituição de cada um destes exemplares de *Os Lusíadas* de 1572, em função dos elementos bibliográficos que o formam. Recorre a um instrumento capital da bibliografia descritiva e analítica, a fórmula de colação. Os elementos da *princeps* são apresentados em redondo, os da contrafacção em negrito e os que lhes são exógenos com sublinhado:

ACL	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
AP	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BBBosch	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BDMII-377	4.º in 8.º: π^2 A-P ⁸ Q ⁸ (-Q1+Q1) R-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BDMII-378	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ (-Z3.8+Z3.8;-Z4.7+Z.4.7), 188 ff. [2] 186
BJMindlin-Ee/S	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BJMindlin-E/D	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNE-R.14207	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNE-R.14208	4.º in 8.º: π^2 A-N ⁸ O ⁸ (-O ⁸ +O ⁸) P-Q ⁸ R ⁸ (-R1.8+R1.8;-R2.7+R2.7) S-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNF-Res.P-Yg-38	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNF-Res.Yg-74	4.º in 8.º: π^2 A-I ⁸ K ⁸ (-K3.6+K3.6;-K4.5+K4.5) L-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNN	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNP-Cam1P	4.º in 8.º: π^2 (3ff. - π 1+ π 1.2) A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 189 ff. [2+1] 186
BNP-Cam2P	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNP-Cam3P	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNP-Cam4P	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BNP-Cam11P	4.º in 8.º: π^2 (- π^2 + π^2) A-Y ⁸ Z ¹⁰ (-Z ¹⁰ +Z ¹⁰), 188 ff. [2] 186

BNRJ-C.2.29A	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
Bodmer-Ee/S	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
Bodmer-E/D	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BritL-C.30.e.34	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BritL-G.11285	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
BritL-G.11286	4.º in 8.º: $\pi^2(-\pi^2+\pi^2)$ A-E ⁸ F ⁸ (F1r F1v [=F7v] F2r[=F8r] F2v F3.6 F4.5 F7r F7v[=F1v] F8r[=F2r] F8v) G-O ⁸ P ⁸ (-P3.6+P3.6; -P4.5+P4.5) Q ⁸ R ⁸ (-R1.8+R1.8; -R2.7+R2.7) S-T ⁸ V ⁸ (-V1.8+V1.8; -V2.7+V2.7) X-Y ⁸ Z ¹⁰ (-Z3.8+Z3.8;-Z4.7+Z4.7;-Z5.6+Z5.6), 188 ff. [2] 186
BSMS	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
CJCanto	4.º in 8.º: $\pi^2(-\pi^2+\pi^2)$ A-H ⁸ I ⁸ (-I1+I1) K-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
HSA	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
IHGB	4.º in 8.º: π^2 A ⁸ (-A1.8+A1.8;-A2+A2) B ⁸ (-B1.8 +B1.8) C ⁸ (-C1.8+C1.8) D-H ⁸ I ⁸ (-I8+I8) K ⁸ (-K1.8+K1.8) L ⁸ (-L1+L1) M-N ⁸ O ⁸ (-O8+O8) P-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
RGPL	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UBrown	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UCoimbra	4.º in 8.º: π^2 A-H ⁸ I ⁸ (-I1+I1) K-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UHarvard-P.5215.72	4.º in 8.º: $\pi^2(-\pi^2+\pi^2)$ A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UHarvard-P.5215.72.5	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UHarvard-P.5215.72.7	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UHarvard-P.5218.72.3	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UOxford.Bodl-A.e.P.1572.1	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UTexas	4.º in 8.º: π^2 A-E ⁸ F ⁸ (-F1.8+F1.8;-F2.7+F2.7) G-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186
UYale	4.º in 8.º: π^2 A-Y ⁸ Z ¹⁰ (-Z10+Z10), 188 ff. [2] 186
Wadham	4.º in 8.º: $\pi^2(\pi^2+\pi^2)$ A-Y ⁸ Z ¹⁰ , 188 ff. [2] 186

NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

¹ O primeiro volume do comentário às *Rimas varias*, onde Faria e Sousa assinala a existência de duas edições, saiu em 1685 (ou seja, 36 anos depois da sua morte, ocorrida em 1649), ao passo que o comentário a *Os Lusíadas*, onde explora vários cotejos entre o texto de cada uma

das edições, saiu anteriormente, ou seja, em 1639. Esta cronologia relativa poder-se-á entender melhor tendo em conta que o comentário às *Rimas varias* foi sendo elaborado ao longo do tempo, apesar de ter vindo a ser editado a título póstumo. Dele se conhece um esboço preliminar (o chamado segundo borrador, mss. 83, 84 da Biblioteca D. Manuel II da Casa de Bragança), que não foi o manuscrito de tipografia (Spaggiari, 2021). Juromenha, que o manuseou quando ainda se encontrava completo, atribuiu-lhe a data de 1521 (Juromenha, 1861: xi). Há que admitir que, tendo Faria e Sousa assinalado a existência de duas edições de *Os Lusíadas* numa versão do comentário a *Rimas varias* anterior a 1639, tivesse passado, em *Os Lusíadas*, à exploração imediata das respectivas dissimilaridades.

- ² Ao alinhamento pelo primeiro carácter do primeiro verso da primeira estância. Nas imagens, exemplares BNP-Cam-3P, BDMII-378, ed. da Academia das Ciências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSELMO, Artur, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- JACKSON, K. David (ed.), *Camões and the First Edition of 'The Lusíadas'*, Dartmouth, University of Massachusetts, 2003 [CD].
- JUROMENHA, Visconde de (ed.), *Obras de Luís de Camões*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861.
- NORONHA, José Feliciano de Castilho Barreto e, «Memória sobre o exemplar dos *Lusíadas* da biblioteca particular de Sua Majestade o Imperador do Brasil», *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, n.º 8, 1880-1881, p. 9-38.
- SOUSA, Manuel de Faria e (ed.), *Lusíadas [...]*, 2 vols., 4 ts., Madrid, Juan Sanchez, a costa de Pedro Coello, 1639 [ed. facs., pref. Jorge de Sena, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972].
- (ed.), *Rimas varias [...]*, 2 vols., 5 ts., Lisboa, Imprensa de Theotonio Damaso de Mello Impressor de la Casa Real, 1685-1689 [ed. facs., pref. Jorge de Sena, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972].
- SPAGGIARI, Barbara, «O Segundo borrador de Faria e Sousa», *Românica. Revista de Literatura*, n.º 24, 2021, p. 163-183.
- SPAGGIARI, Barbara, e Maurizio Perugi, *Fundamentos da Crítica Textual*, Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.
- [TÚLIO, António da Silva], «Fac-símile do rosto da primeira edição dos *Lusíadas*, 1572», *Arquivo Pitoresco*, t. 4, 1861, n.º 22, p. 173-175; n.º 23, p. 183-184; n.º 24, p. 191-192.